

LITERATURA DIGITAL: ANÁLISE DE CIBERPOEMAS

Celso Leopoldo Pagnan – celso.pagnan@unopar.br

Professor do programa de Mestrado em Metodologias para o Ensino de Linguagens e suas Tecnologias – Unopar – Londrina/PR
Doutor em Literaturas de Língua Portuguesa pela Unesp – Assis/SP.

RESUMO: O presente artigo tem como tema a literatura digital ou eletrônica, como é chamada nos Estados Unidos, entendendo como tal a literatura produzida de maneira específica para a Web e não para ser impressa em livros. Trata-se de uma literatura ainda em busca de caminhos estéticos e técnicos, mas que já apontou para certas tendências, com a mistura de linguagens (imagem, áudio, texto verbal). O objetivo deste artigo é, pois, refletir sobre essa produção, de modo a buscar elementos para análise, com base em um referencial teórico que discute conceitos como multimodalidade e multiletramento, como Rojo (2013), Kress (1998), Van Leeuwen (2011), Hayles (2009), Almeida (2011), Gomes (2011) e Moreira (2013) entre outros. Como metodologia, faremos uma análise específica de algumas obras literárias digitais, como por exemplo *Dois palitos* e *18:30*, de Samir Mesquita, bem como a referência a outros textos digitais, notadamente os disponibilizados na Revista digital Artéria 8, com diversos autores, incluindo poetas concretas, como Augusto dos Campos e Arnaldo Antunes. Como é próprio da linguagem da Web, essa produção artística se caracteriza pela concisão e pela fragmentação discursiva. Em rigor, estamos diante de textos híbridos, que colaboram para estabelecer novos olhares sobre o universo literário e mesmo sobre a vida hodierna.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura digital; multimodalidade; multiletramento; hibridismo

1 INTRODUÇÃO

As novas tecnologias de comunicação e informação (TDIC) colaboraram sobremaneira para uma maior difusão da informação, do conhecimento, a troca e o compartilhamento de mensagens, bem como uma relação mais próxima entre diversas linguagens: visual, auditiva e discursiva.

Conforme Martinec e Salway (2005, p. 337), "devido ao ritmo implacável da evolução das tecnologias de comunicação e informação, texto e imagens estão cada vez mais juntos criando textos multimodais", impressos ou digitais.

Nesse contexto, a Escola ganhou uma nova atribuição ou objetivo: tornar os alunos multiletrados. Para além de ensinar um aluno a decodificar, ler e compreender textos escritos, há que ensinar a ler na internet, por assim dizer. Pode parecer uma obviedade, em um primeiro momento, porém nem sempre a escola ensina de fato o aluno a ter uma compreensão mais ampla

do universo multimodal. Rojo e grupo de pesquisadores (2013) têm refletido sobre as possibilidades pedagógicas da multimodalidade.

Se considerarmos especificamente o contexto de produção literária para a Web, teremos um distanciamento ainda maior entre o que se é produzido em termos de multimodalidade literária e o que se ensina em sala de aula. Evidente que não estamos afirmando a necessidade de substituição do conteúdo tradicional pela produção multimodal, e sim sugerindo a inclusão desse novo conteúdo.

Considerando tal quadro, o presente artigo tem como objetivo analisar textos literários produzidos para a Web e disponibilizados no portal Literatura Digital, no seguinte endereço: <http://www.literaturadigital.com.br/?pg=25014>, com a finalidade de contribuir para a reflexão a respeito das potencialidades de aprendizagem e desenvolvimento da leitura literária, com base em hipertextos multimodais.

Como há diferentes textos literários produzidos segundo o princípio da multimodalidade, selecionamos produções específicas em dois links para que façamos a descrição e a análise, com o objetivo específico de propor o uso pedagógico desses textos literários digitais.

Nos últimos dez anos, tanto na Linguística Aplicada (LA) assim como na Análise de Discurso (AD), o termo multimodalidade passou a ser adotado em estudos de linguagem e educação. Trata-se de "uso integrado de diferentes recursos comunicativos, tais como linguagem [texto verbal], imagem, sons e música em textos multimodais e eventos comunicativos" (VAN LEEUWEN, 2011, p. 668).

No entanto, a multimodalidade, para que seja realizada, necessita de um conjunto de ações envolvendo os participantes do evento comunicativo, ou seja, concorrem para tanto quatro aspectos, de acordo com Kress e Van Leeuwen (2001): produção, distribuição, design e discurso, que precisam ser articulados e interpretados, de acordo com o conhecimento prévio e a formação discursiva do intérprete.

A compreensão do todo depende da articulação e interpretação entre imagem e texto verbal, bem como de outros possíveis recursos semióticos. Da interação com o todo, incluindo produtor, leitor, mediado pelo texto multimodal é que se constrói o sentido ou os sentidos possíveis.

Portando, metodologicamente, adotaremos essa articulação para procedermos a análise da literatura digital. Isto é, queremos demonstrar que a análise de textos literários produzidos de modo específico para a Web pressupõe a análise, além de dever considerar o discursivo e o estético, deve também compreender a relação significativa entre as linguagens empregadas.

O artigo se divide essencialmente em três momentos. Além desta introdução, faremos em seguida um breve levantamento histórico e contextual da literatura para a Web, bem como fundamentaremos o trabalho com autores que trabalham o multiletramento e a multimodalidade, para, finalmente, analisarmos à luz da teoria algumas produções literárias produzidas para tal ambiente.

2 DISCUSSÃO TEÓRICA

Antes de procedermos a uma análise mais detalhada e fundamentarmos nosso trabalho, destaquemos algumas produções do universo literário digital como meio de contextualizar o que iremos abordar.

Como é de se supor, a história da literatura digital é recente. Em rigor, não tem duas décadas ainda. Conforme informado, usaremos como referência para as produções o Portal de Literatura Digital, onde há um Manifesto com dez itens cuja função é esclarecer o leitor sobre o que seria literatura digital. Não é o caso de reproduzirmos esse Manifesto por completo [que pode ser lido em <http://www.literaturadigital.com.br/?pg=25012>], apenas destaquemos os pontos essenciais.

Inicialmente, parte-se do princípio de que tal literatura exige um novo autor, uma novo leitor e novas linguagens. Embora seja compreensível tal perspectiva, também é evidente que a expertise desenvolvida por um leitor é importante e necessária para ler esse novo texto. Por outro lado, esse leitor deve estar disposto a ter diferentes experiências, incluindo a possibilidade de intervir diretamente na produção literária, seja como colaborador criativo, seja como leitor multimodal.

Figura 1 – Portal da Literatura Digital



Fonte: Literatura Digital (2017)

Em seguida, há que se de diferenciar literatura digital de literatura digitalizada. Esta se refere a qualquer romance, conto, poema produzido não importa onde ou quando e que foi digitalizado,

em Portable Digital Format (.pdf), por exemplo, ou em outro formato para os gadgets específicos, com o objetivo de ampliar o acesso a textos literários em geral. Ao passo que aquela é produzida não para ser impressa em papel, e sim especificamente para a Web, de modo a propor novas experiências de leitura tendo em vista a possível utilização de hipertextualidade, propor a participação ativa do leitor, além de explorar diversos recursos semióticos.

Nesse sentido, em 2000, houve a primeira tentativa [ou uma das primeiras, salvo engano] de se produzir uma poesia digital. Gruszynski e Capparelli criaram o projeto Ciberpoesia (<http://www.ciberpoesia.com.br>), segundo o conceito da Web 2.0, caracterizada pela interatividade e maior participação do usuário.

Já em 2009, Katherine Hayles organizou um volume de textos digitais, da *Electronic Literature Collection*, conforme terminologia utilizada nos EUA, literatura eletrônica, ou digital, no Brasil. Esse volume está disponível em <http://collection.eliterature.org/1>

Para Hayles (2009, p. 21) “a literatura eletrônica chega em cena após 500 anos de literatura impressa (e, naturalmente, após bem mais do que isso de tradição oral e manuscrita)”. Ou seja, a literatura digital é ainda recente como produção artística.

Os textos do primeiro – e único – volume da *Electronic Literature Collection* ilustram bem essa variedade de formatos, trazendo estéticas variadas para esse tipo de literatura, como ficção em hipertexto, ficção na rede interligada, ficção interativa, narrativas locativas, instalações, “codework”, arte generativa e poemas em Flash (HAYLES, 2009, p. 43).

No Brasil, podemos destacar ainda algumas produções, como o número 8 da Revista *Artéria*, onde há diversos poemas, escritos e produzidos especificamente para a Web, e outros, sobretudo poemas concretos, disponibilizados segundo o que seria a ideia original de integrar som, imagem, palavra e outros recursos semióticos. Entre os princípios da Poesia Concreta, proposta pelos irmãos Haroldo e Augusto de Campos, era usar significativamente os espaços em branco e recursos tipográficos variados, para criar efeitos cujo sentido dependeria muito do modo de ler e olhar do leitor/espectador. Evidente que a literatura, não importa de que época, tende a exigir a participação do leitor para a construção do significado. Porém, a Poesia Concreta, segundo o conceito desenvolvido por Augusto dos Campos:

[caracterizar-se-ia] por uma estruturação ótico-sonora irreversível e funcional, e, por assim dizer, geradora de ideia, criando uma entidade todo dinâmica, “verbivocovisual” – é o termo de Joyce – de palavras dúcteis, moldáveis, amalgamáveis, à disposição do poema. (CAMPOS, 1987, p. 40, grifo do autor)

Caparelli, Gruszynski e Kmohan (2000, p. 76) apontam para essa relação entre a Poesia Concreta e a literatura digital ou ainda chamada de cyberpoesia, ou “essas combinações de todos os *media computers* a nossa disposição são uma síntese de todos os outros meios eletrônicos prévios e também podem combinar texto e qualquer coisa que possa ser digitalizada”. Em outros termos, são adaptações de modo a ampliar o efeito textual com base no uso das TDIC.

Os poetas concretistas propunham, pois, que o poema deveria se transformar em objeto visual, além de verbal. Em função disso, o poema passaria a ser simultaneamente lido e visto. E também ouvido, criando todo um universo multimodal. Em síntese, é possível perceber na proposta da Poesia Concreta uma antecipação dos preceitos da Literatura Digital. De qualquer modo, é preciso fazer uma ressalva. Há diversos outros textos poéticos em que a visualidade é elemento significativo em outros períodos literários, como no Barroco, com Gregório de Matos, ou o francês Guillaume Apollinaire, apenas para ficarmos em alguns exemplos. Queremos, pois, tão somente afirmar que os produtores da literatura digital estabelecem uma relação mais direta com a Poesia Concreta, cujos autores não inventaram a poesia visual, e sim estudaram diversas possibilidades para sua realização.

Citemos outros textos escritos essencialmente para a Web, como *Memória*, de Alckmar Luiz dos Santos. O poema mescla som, imagem e a própria palavra. No caso, cada palavra do poema é desfocada. Para se ler, é preciso usar o cursor do mouse. Com isso, o leitor lê o que está escrito, mas também ouve. Conforme avança nas outras palavras, os sons vão se misturando, de modo a criar algo semelhante a lembranças confusas e às vezes sem sentido, que vêm à memória.

Ou *Labirintos sazonais*, de Maurem Kayna, que permite ao leitor montar o percurso a partir de escolhas feitas entre as três etapas de uma narrativa, começo, meio e fim, bem como em uma das estações do ano. Feita a escolha, o conto, previamente escrito, se forma. Voltaremos a tratar desse texto.

Há outras produções, mas estas servem como exemplos para ilustrar o que vimos dizendo e também para afirmar a necessidade de multiletrar o aluno/leitor. Assim como a escola deve instruir o aluno a saber como ler um texto literário (um poema, um romance, um conto), deve também ensinar como ler textos literários para a Web, tendo em vista o necessário domínio da linguagem da internet para se localizar em um site. E, uma vez em determinada página, há uma multimodalidade textual, o que requer que o indivíduo seja multiletrado. Ora, ler um texto literário digital requer algum conhecimento técnico e mínimo de navegabilidade, tendo em vista que um site apresenta, em geral, diversas potencialidades, considerando a inserção de hiperlinks, como em *Labirintos sazonais*, o que tende a levar o leitor a traçar caminhos na construção do sentido. Segundo Xavier, o leitor

[...] folheia o cardápio disponível naqueles sítios digitais, seleciona o que vai querer e, em seguida, serve-se das 'iguarias' dos hiperlinks que mais lhe apetercerem, na porção que desejar e na mesma velocidade do fluxo de pensamento. (XAVIER, 2005, p. 174, grifo do autor)

O mesmo se dá com os sites onde estão disponibilizados os textos literários digitais, que exploram o que caracteriza a linguagem da Web. Antes, porém, de fazermos a análise de alguns desses textos, vamos fundamentar teoricamente alguns conceitos úteis para a realização da análise dos elementos verbais, visuais e discursivos.

Não existem muitos autores que tratam de modo específico sobre a literatura digital. Por isso, vamos tomar como referência outros que procuram caracterizar o multiletramento e a multimodalidade, bem como a relação entre tais conceitos e o ensino.

Fazendo um rápido histórico, lembremos que o termo multiletramentos foi criado a partir das discussões do New London Group em meados dos anos 1990, estabelecendo pontos de contato entre letramento e tecnologia, sem limitar o termo à alfabetização, conforme Kleiman (1995) e Soares (2006). É bem verdade que o objetivo maior do Grupo era o de construir uma gramática da Web, sem explorar o contexto discursivo e ideológico (KRESS, 2006).

Segundo Rojo e Barbosa:

As demandas sociais devem ser refletidas e refratadas criticamente nos/pelos currículos escolares. [...] para que a escola possa qualificar a participação dos alunos nas práticas da web, na perspectiva da responsabilização, deve propiciar experiências significativas com produções de diferentes culturas e com práticas, procedimentos e gêneros que circulam em ambientes digitais. (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 135)

Ora, multiletramento deve ir além da relação exclusiva com a linguagem verbal. Tendo em vista que, nos multiletramentos, estão inclusos, por assim dizer, o letramento digital, o visual e o crítico, sem exclusão ou interdependência, e sim em um contexto híbrido.

Kress (1998), Mayer (2009) e Van Leeuwen (2011), ao tratarem sobre multimodalidade e hipertexto, afirmam que a tecnologia por ela própria não deve ser vista como panaceia. Ao contrário, ela é um meio e é preciso fazer uso correto dela. Ou, por outra, não basta criar um texto literário com diversos modos de texto que o letramento se fará. Além disso, a criação literária nesse novo suporte depende também de conhecimentos técnicos da linguagem própria da Web.

Uma tecnologia nova não substitui necessariamente a anterior. Depende das necessidades humanas. Assim, o livro impresso não será relegado a segundo plano, a despeito de se ter o recurso do livro digital. São linguagens diferentes e que certamente serão coetâneas por muito tempo. Nesse sentido, é preciso letrar ou multiletrar o aluno/leitor. Ora, a tecnologia deve ser vista sempre como

um meio, não um fim. Somente assim, os indivíduos poderão utilizar as tecnologias digitais, em contexto artístico ou pedagógico, seja com o objetivo de desenvolver novos caminhos estéticos, seja para melhorar o processo de ensino-aprendizagem, por exemplo.

Conforme Coracini (2005, p. 34) no hipertexto, "a participação do leitor pode ser maior ainda quando livros eletrônicos para fins pedagógicos lhe dão a possibilidade de recortar e colar trechos, sublinhar passagens, pôr na memória páginas ou escrever nas margens", e, que a interatividade tecnológica implica "a noção de um dispositivo capaz de respostas diferenciadas em reação a uma intervenção humana".

Embora Coracini trate de modo mais específico sobre o texto em âmbito pedagógico, são características que podemos perceber também nos textos literários digitais, conforme demonstraremos.

Santaella (2014) classifica o leitor em duas categorias: o imersivo e o ubíquo, que, por sua vez, se subdividem em outras quatro classificações: o contemplativo, que lê, solitariamente e de modo concentrado, livros impressos ou e-books; o movente, que lê em meio ao tumulto da vida moderna, por prestar a atenção ao que está lendo, mas também ao que ocorre à sua volta; o imersivo, que lê mais no universo multimidiático da internet, com seus sites, hiperlinks; e ubíquo, derivado do imersivo, mas que prefere os dispositivos móveis o que lhe confere maior liberdade.

Historicamente, o leitor foi formado para ler de modo contemplativo, concentrado no universo das letras, porém, as novas mídias pedem um leitor imersivo ou ainda o ubíquo, multiletrados nesse sentido.

A diversidade multimodal, de acordo com Alderson (2000), pode facilitar o ato de leitura e compreensão. Embora verdadeiro, também devemos considerar que uma página da internet pode trazer uma grande quantidade de informações, e de recursos semióticos, que podem atrapalhar a compreensão do que seria mais significativo. Por isso, a necessidade de se formar um novo leitor.

Assim, se o objetivo é conferir competências leitoras multimodais, a imagem não pode ser decorativa, e nem se deve poluir um texto literário ou um site com muitos elementos dispersivos, sob pena de não contribuir com uma real e produtiva leitura multimodal.

Para que façamos a análise dos textos literários, considerando os elementos semióticos e discursivos, é preciso definir dois tipos de letramento: o visual e o crítico.

Conforme os estudos de Kress (1998), os recursos visuais estão presentes no texto eletrônico de diferentes modos: formato da fonte, diagramação, imagem estática ou em movimento. Porém, o próprio autor afirma que deve haver uma interdependência entre texto verbal e elementos visuais, sob o risco de termos mera ilustração do que se lê no discurso verbal. E ele dizia isso no final do século XX. Antes, portanto, da internet 2.0 e mesmo da 3.0

Ora, o letramento visual deve complementar o que se lê, mas também comunicar por si mesmo, formando um todo orgânico e significativo. No caso da literatura digital, isso tem de ser mais coeso, para que não haja gratuidade no uso das imagens, que devem comunicar algo ao leitor/espectador.

Eric entende o letramento visual como "um grupo de competências que permite aos humanos discriminar e interpretar ações, objetos e/ou símbolos visuais, naturais ou construídos, que eles encontram no meio ambiente" (ERIC *apud* STOKES, 2002, p. 12). Já Oliveira (2006, p. 18) afirma que "o letramento visual é a área de estudo que lida com o que pode ser visto e com como se pode interpretar o que é visto".

O letramento crítico tem sido discutido por autores como Almeida (2011), Gomes (2011) e Moreira (2013), para quem também as imagens podem ser veículos de ideologia. Nesse sentido, há que se considerarem as relações de poder na multimodalidade. Ora, estamos diante de textos, que são produzidos com base em determinada formação discursiva.

Ter essa dimensão crítica colabora para a formação do leitor multimodal. Rojo (2013, p. 19) afirma ser possível utilizar-se da teoria de Bakhtin, formulada para o "texto escrito, impresso, literário e, quase sempre, canônico" para explicar a multimodalidade. Com efeito, o próprio termo hibridismo remete o leitor aos conceitos formulados por Bakhtin para explicar os gêneros discursivos. Além disso, ler, em sentido amplo da palavra, pressupõe observar os explícitos, mas também os implícitos, o não dito. Nesse sentido, Almeida (2011) defende uma pedagogia crítica visual que capacite o leitor a ter um posicionamento crítico sobre o que lê/vê, de modo a não assumir uma mera atitude passiva na Web.

Na sequência, vamos analisar alguns ciberpoemas, considerando os conceitos referenciados.

3 CIBERPOESIA: MULTIMODALIDADE E MULTILETRAMENTO

Para a análise, vamos considerar, em especial, três produções literárias para a Web. Duas que foram realizadas de modo específico e exclusivo e outra que foi adaptada para esse universo.

Trata-se da obra de Samir Mesquita, um jovem escritor, que já publicou duas coletâneas de minicontos: *Dois palitos* (<http://www.samirmesquita.com.br/doispalitos.html>) e *18:30* (<http://www.samirmesquita.com.br>). O conceito de miniconto ou também chamado de microconto remete o leitor ao uso da rede social Twitter, em que a extensão das mensagens públicas não pode ultrapassar 140 caracteres. Os textos de Mesquita, em muitos casos, não chegam a 50

caracteres. O objetivo é, pois, o de comunicar mais pelo não dito que pelo dito. É preciso, pois, a participação efetiva do leitor, que ainda tem de estabelecer relações entre o que lê e vê.

No caso de *Dois palitos*, termo que sugere algo imediatista, rápido, apresenta um visual minimalista, isto é, simples e com elementos básicos. Na abertura, há apenas uma caixa de fósforo, com o título do livro. Com o cursor do mouse, o leitor deve clicar na caixa para que ela se abra. A linguagem da Web é um tanto intuitiva, o que facilita o acesso às ligações propostas, os links.

Figura 2 – Dois Palitos



Fonte: Mesquita (2010)

Com a caixa aberta, o leitor deve, ainda com o cursor do mouse, clicar nos palitos para que possa ler um dos vinte minicontos. Ele deve ler durante o tempo em que o palito é consumido pelo fogo, ou cerca de dez segundos. Ou seja, todo o livro, por assim dizer, pode ser lido em menos de cinco minutos, considerando tempo de leitura e o movimento do cursor sobre cada palito.

Apesar de intuitiva, a leitura requer o mínimo conhecimento do uso técnico de uma página da Web, incluindo o saber percorrer os caminhos disponibilizados, caso contrário a leitura tende a não se realizar de modo satisfatório

Figura 3 – Suicídio



Fonte: Mesquita (2010)

Essa é a dinâmica da leitura, que deve ser repetida até que os vinte palitos sejam acesos. A ordem dos minicontos é aleatória, embora cada palito seja link para cada miniconcto específico.

Há um potencial na multimodalidade para a construção do sentido, bem como um potencial das tecnologias a fim de produzirem textos literários com recursos multimodais. Porém, trata-se de uma nova expertise que o escritor deve ter, sob o risco de acontecer o que Kress (1998) alertou como mera tradução de um modo semiótico para outro, isto é, do uso de recursos semióticos sem que se estabeleça um todo organizado significativo. No caso de *Dois palitos* isso não ocorre, pois todos os elementos têm uma função: a caixa é onde os palitos estão, cada palito é link para um miniconto, além disso, o tempo que leva para que o palito seja consumido pelo fogo é o tempo disponível para a leitura. E, embora, cada miniconto tenha sua narrativa, há pontos de contato entre eles. Nem todos têm título, de qualquer modo, podemos separá-los por recorrências temáticas.

- a) Sexo
 - Proposta indecente
 - Puta
 - Sábio
 - Ménage à trois
 - Beijo de cinema
- b) Morte
 - Suicídio
 - A sete palmas
- c) Psicodrama
 - Terapia
 - Neurótica
- d) Família/relacionamento
 - Sal das lágrimas
 - Família
 - Legado
 - Vida Nova
 - Compensação
- e) Outros temas
 - Compaixão - morte de criança
 - Traidor
 - Escritor
 - O caso Rony
 - Workaholic
 - Elvis não morreu

Em resumo, a tematização é a recorrente do universo literário como um todo, com uma particularidade ou outra, caso dos dois últimos minicontos referidos. Do ponto de vista discursivo, os minicontos se expressam por meio da ironia, sempre com o objetivo de confrontar as dificuldades da vida ou as situações do cotidiano. É o caso, por exemplo, de “Suicídio”, em que se lê: “Era hora de dar um salto na vida. Escolheu a janela do 10º. andar”, ou “Legado”: “não podia

esperar nada do filho além de falhas”. Para Brait (1996, p. 57), a ironia pode ser uma “forma de argumentação indireta conta algum alvo”. No caso, o alvo parecem ser as condições de vida nem sempre favoráveis, e, implicitamente, contra formas esgotadas da literatura tradicional.

Como se pode perceber, os textos, escritos para um universo mediático *per se* quebram o discurso em sua totalidade, fornecendo apenas fragmentos de uma narrativa, que cabe ao leitor completar. Evidente que fragmentação discursiva aparece já nos modernistas do início do século XX, por exemplo, mas talvez, pelo hibridismo que caracteriza a multimodalidade, o texto fragmentado, particularizado da Web acabe por evocar o próprio meio, dispersivo em sua configuração. Outro ponto é que, devido ao hipertexto, devido ao acaso, o todo do texto (se isso é possível) se constrói a partir de caminhos diferentes, em uma sequência diversa cada vez que se acessa o conteúdo do livro digital.

Conforme Chartier:

O leitor não é mais constringido a intervir na margem, no sentido literal ou no sentido figurado. Ele pode intervir no coração, no centro. Que resta então da definição do sagrado, que supunha uma autoridade impondo uma atitude de reverência, de obediência ou de meditação, quando o suporte material confunde a distinção entre o autor e o leitor, entre a autoridade e apropriação? (CHARTIER, 1988, p. 91)

Um exemplo seria *Labirintos Sazonais*, de Mauren Kayna, (<http://labirintos-sazonais.com/>). Apesar de o texto estar pronto e de as possibilidades não serem infinitas, o leitor pode escolher links diferentes, juntar e formar novas histórias, a partir de três fragmentos, sempre considerando as quatro estações do ano.

Figura 4 – Labirintos Sazonais



Fonte: Kayna (2013)

Não é o objetivo analisar todos os textos de *Dois Palitos*, e sim descrever e explicar a multimodalidade. Porém, é interessante que em “Escritor”, o autor procure dar uma definição para a criação literária. Não se trata de uma definição inovadora, apenas é importante chamar a atenção para a consciência criadora do artista, que reconhece o uso de uma nova técnica de construção literária, sabendo que a base conceitual não diverge muito dos paradigmas estéticos: “Queria ser escritor, começou mentindo para os pais”. Trata-se de uma alusão a diversos outros textos reveladores do jogo entre ficção e realidade que é próprio da literatura. Apenas como referência, lembremos o famoso verso de Pessoa (2005, p. 164): “O poeta é um fingidor”.

Em *18:30*, o livro se apresenta em uma imagem única, com uma explicação irônica: “um site estático em razão do horário”.

Figura 5 – 18:30



Fonte: Mesquita (2011)

Ora, são 40 carros ocupando todas as vias. Em um primeiro momento, o leitor pode ficar confuso sobre o que teria de literário no site. Porém, novamente com apoio do cursor do mouse, irá verificar que em quinze carros, há um miniconto diferente, que segue o mesmo padrão discursivo de *Dois palitos*. No caso, os contos discorrem sobre suicídio, relacionamento frustrado, erotismo, a vida sem saída, morte, família. Novamente, é a ironia a marca recorrente em seus minicontos. O paradigmático, posto que recorrente, é a afirmação de que, embora se esteja dentro de um carro, tentando chegar a algum lugar, a via interditada pelo congestionamento impede que se tenha certeza do ponto a que se deseja chegar, do objetivo a ser alcançado. Por exemplo, no carro amarelo, indicativo de que seria um táxi, lê-se: “Levava todo mundo. Mas ele mesmo não sabia para onde ir.” É como se a vida estivesse interrompida. Além disso, estabelece-se uma simbiose entre o texto e o contexto do trânsito, como palavras do mesmo campo semântico: ponto morto, motoboy, câmbio, caminho, via. Porém, em rigor, a imagem é estática, assim como as possíveis escolhas, que não levariam a uma solução. No todo, é como se os minicontos

recuperassem, mesmo que não de maneira explícita, o conceito expresso no “Áporo”, de Carlos Drummond de Andrade.

Um inseto cava
Cava sem alarme
Perfurando a terra
Sem achar escape.
(ANDRADE, 2014, p. 171)

Como no miniconto em que a personagem, dentro do carro, pensa no diagnóstico que recebera: tinha câncer e iria morrer em 90 dias. Ao que conclui: “Mas já estava em ponto morto”.

Em síntese, a literatura digital, ao menos a de Samir Mesquita, se apresenta sob a multimodalidade, exigindo o multiletramento do leitor, para expressar aspectos próprios do universo literário recorrente.

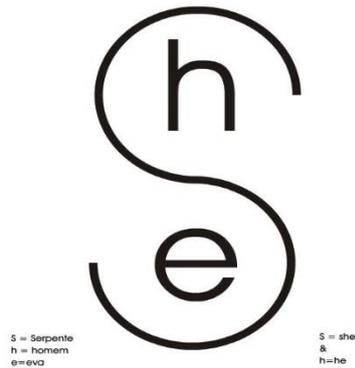
No caso da revista *Artéria 8* (<http://www.nomuque.net/arteria8/>), há cerca de trinta autores diferentes, da Poesia Concreta, como Augusto de Campos, Pedro Xisto, Décio Pignatari, outros, como Arnaldo Antunes, músico, poeta e que também se aproveita das técnicas da Poesia Concreta, e também artistas que já produziram diretamente para a Web, como R2 (Thiago R. e Guilherme Ranoya).

Ao contrário de outras produções que analisamos, a maior parte foi feita para serem impressas em livro, e que ganharam movimentação de letras, formas, além de apoio de áudio e imagens na Web. Em outros termos, a mistura de linguagens não é propriamente nativa, por assim dizer. De qualquer modo, devido às características da Poesia Concreta, que objetivava utilizar-se de caracteres com tamanhos e profundidade diversos, disposição das linhas para explorar os espaços em branco, entre outros recursos, como cores das letras, a transposição de tal poesia para a Web é bastante pertinente, consoante o conceito de literatura digital, aqui utilizado.

Por exemplo, de Pedro Xisto, recorreu-se a *Epitalâmio II*, originalmente produzido em 1964 e adaptado para a revista em 2003. Devido a sua forma envolvente, as letras se movem aos poucos até adquirirem o formato original do poema impresso.

Trata-se de um texto relativamente conhecido. A letra S, por seu movimento sinuoso, evoca a figura de uma serpente e também é parte da palavra inglesa *she* (ela), que envolve *he* (ele), de modo a mimetizar o que teria sido o primeiro casamento da humanidade, razão pela qual o título do poema é *Epitalâmio*. Em síntese, o sentido é até certo ponto óbvio, porém com os recursos midiáticos é possível criar novas possibilidades de apresentação desse texto literário, o que, em rigor, já se encontrava no princípio criativo do texto em 1964.

Figura 5 – Epitalâmio II



Fonte: Xisto (2004)

Já o texto de Décio Pignatari, “Invenção 5”, de 1967 e refeita para a Web em 2003, aproveitou-se de uma nota de um dólar para ressignificar a relação entre religião e vida econômica. No caso, a imagem de George Washington na nota de um dólar é substituída, por sobreposição, pela imagem do Cristo crucificado, realizada por Antônio Francisco Lisboa, o chamado Aleijadinho, abaixo da qual vem escrito “Cri\$to é a Solução”. Como o S é substituído por um cifrão pressupõe-se a mercantilização da religião.

No caso de R2 (Thiago R. e Guilherme Ranoya), trata-se de Nada x nada (2003), em que palavras como nada, muito, vezes, às vezes, mais que, aparecem aos poucos e ocupam posições na tela. Cabe ao leitor estabelecer as linhas de leitura e extrair os significados possíveis.

Por fim, destaquemos de Arnaldo Antunes, “Cresce” (2003), também produzido diretamente para a Web. Aparecem diversas letras, extraídas da palavra cresce, com tamanhos e profundidades diferentes, e o leitor é convidado a formar a palavra do título, como quiser. É um dos únicos textos, da Revista, em que o leitor é chamado a intervir no processo criativo.

Podemos dizer, pois, que entre a Revista Artéria, de 2003, e as demais produções, de Samir Mesquita e outros, há algumas diferenças. Nas últimas, a utilização multimodal é mais evidente e mais significativa, pelo hibridismo dos gêneros e pelas relações estabelecidas entre eles.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura digital é ainda embrionária, e está em busca de caminhos. Os textos analisados sugerem a integração multimodal entre imagem e texto verbal, com apoio ainda do áudio, em alguns casos.

Nosso objetivo inicial foi o de refletir sobre potencialidades de aprendizagem e desenvolvimento da leitura literária produzida para a Web. Conforme procuramos demonstrar com

base na análise de alguns desses textos, a literatura digital pode colaborar para o desenvolvimento do multiletramento, sobretudo no caso da literatura que foi produzida de modo mais específico para a Web, por utilizar-se dos recursos semióticos variados. Além disso, é possível perceber nesse tipo de texto o hibridismo e a multimodalidade que caracterizam a linguagem da Web.

Nesse contexto de desenvolvimento da literatura digital, requer-se, pois, da parte do escritor o domínio de uma nova expertise, o da multilinguagem da Web, e a contrapartida do leitor, que é chamado, às vezes, a participar do processo de construção do texto. Em síntese, o leitor deve ser multiletrado, deve ir além do verbal e saber estabelecer conexões entre outras linguagens.

Trata-se, portanto, de uma nova modalidade de produção literária, que irá requerer novos modos de ler e de olhar para a literatura, para a criação, cuja característica passa pela quebra dos grandes discursos, ainda que estejam presentes, tendo em vista que o indivíduo é chamado a realizar o próprio percurso, o próprio caminho narrativo ainda que pautado por certas limitações.

4 REFERÊNCIAS

ALDERSON, J. C. **Assessing reading**. New York: Cambridge University, 2000.

ALMEIDA, D. B. L. Multimodalidade e ensino: integrando o texto e contexto em estruturas visuais. In: BARBARA, L; MOYANO, E. (Orgs). **Textos e linguagem acadêmica: explorações sistêmicas funcionais em espanhol e português**. Campinas: Mercado das Letras, 2011. p. 55-66.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Nova reunião: 23 livros de poesia**. 8. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014, vol. 1.

BARBOSA, Vânia Soares; ARAÚJO, Antonio Dilamar; ARAGÃO, Cleudene de Oliveria. Multimodalidade e multiletramentos: análise de atividades de leitura em meio digital. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 16, n. 4, 2016, p. 623-650.

BRAIT, Beth. **Ironia e perspectiva polifônica**. Campinas: Unicamp, 1996.

CAPARELLI, Sérgio; GRUSZYNSKI, Ana Cláudia; KMOHAN, Gilberto. Poesia visual, hipertexto e ciberpoesia. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 13, p. 68-82, dez. 2000.

CAMPOS, Augusto de. Poesia concreta. In: CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de; PIGNATARI, Décio. **Teoria da poesia concreta: textos críticos e manifestos 1950-1960**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Edunesp, 1998.

CORACINI, M. J. R. F. Concepções de leitura na (pós)modernidade. In: LIMA, R. C. C. P. (Org.). **Leitura: múltiplos olhares** Campinas: Mercado de Letras; São João da Boa Vista: Unifeob, 2005. p. 15-44

GOMES, Luiz Fernando. **Hipertexto no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2011.

HAYLES, Katherine. **Literatura eletrônica: novos horizontes para o literário**. São Paulo: Global, 2009.

KAYNA, Mauren. **Labirintos Sazonais**. 2013. Disponível em <<http://labirintos-sazonais.com>>. Acesso em: 15 out. 2017

KLEIMAN, A. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. B. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

KLEIMAN, A. B. **Preciso "ensinar" o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?** Brasília, DF: MEC, 2005.

KRESS, G. **Reading imagens: the grammar of visual design**. Nova York: Routledge, 2006.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication**. London: Arnold, 2001.

KRESS, G. Visual and verbal modes of representation in electronically mediated communication. In: SNYDER, I. (Ed). **Page to screen: talking literacy into electronic era** New York: Routledge, 1998. p. 53-79.

LITERATURA Digital. Disponível em <<http://www.literaturadigital.com.br/>> Acesso em 20 set. 2017

MARTINEC, R.; SALWAY, A. A system for image-text relation in new (and old) media. **Visual Communication**, New York, v. 4, n. 3, p. 337-71, 2005.

MAYER, R. E. **Multimedia learning**. Cambridge: Cambridge University, 2009.

MESQUITA, Samir. **Dois palitos**. 2010. Disponível em <<http://www.samirmesquita.com.br/doispalitos.html>> Acesso em 15 out. 2017.

MESQUITA, Samir. **18:30**. 2011. Disponível em <<http://www.samirmesquita.com.br>> Acesso em 15 out. 2017.

MOREIRA, H. N. **As relações entre os modos visual e verbal em atividades de compreensão leitora: um estudo da multimodalidade em coleções didáticas de espanhol/língua estrangeira**. 2013. 248 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013.

OLIVEIRA, S. Texto visual e leitura crítica: o dito, o omitido, o sugerido. **Revista Linguagem e Ensino**, Pelotas, v. 9, n. 1, p. 15-29, jan./jun. 2006.

PESSOA, Fernando. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola, 2015.

ROJO, Roxane (org.) **Escol@ conectada**: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013.

SANTAELLA, Lúcia. A aprendizagem ubíqua na educação aberta. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, Aracaju, UFS, v. 14, 2014, p. 15-22.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

STOKES, S. Visual literacy in teaching and learning: a literature perspective. **Electronic Journal for the Integration of Technology in Education**, Pocatello, v. 1, n.1, p. 10-19, 2002.

VAN LEEUWEN, T. Multimodality. In: SIMPSON, J. **The Routledge handbook of applied linguistics**. New York: Routledge, 2011. p. 668-682.

XAVIER, A. C. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Org.) **Hipertextos e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

XISTO, Pedro. Epitalâmio II. **Revista Artéria**, São Paulo, n. 8, s. p., 2004. Disponível em <<http://www.nomuque.net/arteria8/>> Acesso em 15 out. 2017.

Title

Digital Literature: analysis of cyberpoems

Abstract

The present article discourses about digital or electronic literature, as it is called in the United States, understood as such the literature produced specifically for the Web and not to be printed in paper. It is a literature still in search of aesthetic and technical paths, but that has already directed to certain trends, with the mix of languages and resources (image, audio, verbal text). This article aims at reflecting on this production, in order to find elements for its analysis, based on a theoretical reference that discusses concepts such as multimodality and multiliteracy, such as Red (2013), Kress (1998), Van Leeuwen (2011), Hayles (2009), Almeida (2011), Gomes (2011) and Moreira (2013) among others. As a methodology, we will specifically analyze some digital literary pieces of work, such as Dois Palitos (Two matchsticks) and 18:30 by Samir Mesquita, as well as the reference to other digital texts, notably those made available in Artery 8 Digital Magazine, with several authors, including concretist poets such as Augusto dos Campos and Arnaldo Antunes. As characteristic of Web language, that kind of artistic production is characterized by conciseness and discursive fragmentation. Strictly speaking, we are faced with hybrid texts that collaborate to establish new perspectives on the literary universe and even on today's life.

Keywords

Digital literature; Multimodality; Multiliteracy; Hibridism

Recebido em: 31/10/2017.

Aceito em: 30/11/2017